

**E**m meio às contradições que caracterizam a organização social moderna, aflora hoje, com força, a que vem ocorrendo no campo da mobilidade do trabalho. A mídia não cansa de estampá-la. Noticia-se, num dia, a criação de leis restritivas, o erguimento de barreiras, quando não a pura e simples deportação de migrantes; no dia seguinte, o destaque recai sobre a necessidade de braços/cérebros que o mercado requer aqui e acolá, a qual só o migrante poderá suprir. “Indesejáveis, mas necessários”, talvez seja a expressão que mais cristalina e evidenciamos a situação.

Nossos olhos e ouvidos parecem já acostumados com as manchetes reportando o rechaço ao imigrante. Porém, estão também em curso claras políticas de busca aos “necessários e desejáveis”. *Travessia* reúne aqui um dossiê, composto por três artigos, destacando estratégias de políticas seletivas para absorção, e mesmo atração, para a força de trabalho migrante.

William Fugii enfoca o fluxo Brasil-Japão, marcado por uma política altamente seletiva, que só inclui descendentes de japoneses e seus cônjuges. Trata-se do movimento decasségui, tradicionalmente associado a uma conotação negativa para o trabalhador nele envolvido. Quando, porém, do seu arrefecimento, as atenções das empresas japonesas recaíram sobre os universitários nipo-brasileiros, mais aptos às inovações tecnológicas de ponta, oferecendo a esses programas de *arubaito* (“bicos” em períodos de férias). A sutil estratégia foi a de associar ao termo uma imagem positiva: um “programa de férias/cultural”, voltado a um público específico e, atualmente, vinculado a programas de intercâmbio em outros países.

João Carlos Tedesco analisa a ida de brasileiros para a Itália. Observa que, nos últimos anos, tem havido um estreitamento de laços culturais, afetivos, comerciais, principalmente entre o norte da Itália e o sul do Brasil, fomentando processos migratórios. É forte, nesse sentido, a atuação do partido político *Lega Nord* (Liga Norte), através da veiculação de vínculos e imagens de uma Itália que, “saudosa”, ofereceria a seus “filhos e netos” a possibilidade da dupla cidadania. Nada mais, nada menos, do que uma estratégia para atrair a mão de obra dos desejáveis, preferíveis quando comparados a outras correntes do Leste Europeu e, principalmente, do continente africano. Pois que a *Lega* representa uma força política profundamente xenófoba e hostil ao que possa parecer uma ameaça aos ditos “valores locais”. A dupla cidadania prometida não vai, na maioria dos casos, além de procedimentos burocráticos e de oportunidade instrumental para o mercado de trabalho. Fora o fato de que muitos, ingressados regularmente na Itália através de acordos de cooperação, uma vez vencidos os seus prazos, acabam permanecendo irregularmente no país.

Tatiana Accioly apresenta um processo migratório ainda em desenvolvimento, no bojo de uma política de atração de brasileiros para uma província canadense. A partir da implantação, em 2008, do Escritório de Imigração do Quebec, a autora revela algumas das motivações e critérios presentes naquela política de seleção de profissionais qualificados brasileiros. Para além da habilitação técnica

e profissional, a avaliação positiva quanto às potencialidades de assimilação cultural do grupo, supostamente pouco tendente à formação de guetos étnicos no novo país, aparece como fator que favorece tal política de estímulo à migração.

Guardadas as devidas temporalidades, e atentando ao aspecto ideológico, esses casos podem remeter à estratégia dos cafeicultores brasileiros no século XIX quando da implantação do colonato: o trabalhador imigrante, em meio ao cafezal, focava suas atenções na lavoura branca que o fazendeiro lhe permitia cultivar (esquecendo que estava substituindo o escravo). O universitário nipo-brasileiro foca suas atenções no intercâmbio cultural do pós-*arubaito*; o descendente de italianos mira a dupla cidadania e o candidato ao trabalho no Quebec se antevê como trabalhador de Primeiro Mundo. Na miragem, a prevalência de fatores culturais; no chão da fábrica japonesa, embaixo dos parreirais do norte da Itália ou em algum escritório canadense, a nua e crua reprodução ampliada do capital que, quando possível, conta com os necessários desejáveis.

Depois do dossiê, composto por artigos enviados independentemente, mas que permitiram a construção da “chave de leitura” que acima enfatizamos, segue outra série de artigos.

Elisa Cunha nos oferece um estudo sobre parentesco de produtores e vendedores de redes de dormir, a partir de uma comunidade rural do sertão paraibano. A autora analisa a intrincada teia em que relações familiares imbricam-se com relações comerciais. Discute toda a complexidade de se entender, para aquele contexto cultural específico, as diferenças entre “negócio” e “ajuda”, ou como um deles pode se “transformar” no outro. Mais que a divisão do trabalho, procura entender os nexos segundo os quais, no ramo de rede, o negócio não é mera produção e circulação de redes, mas também a produção e circulação de negociantes. A nossa conhecida produção de mercadorias, mas apresentada em um grau de complexidade que enriquece as análises clássicas e evidencia o tema da mobilidade espacial, subjacente a todo o processo.

Gabriela Adriana Sala preocupa-se também com condições de trabalho de migrantes ao traçar, com base em dados estatísticos oficiais, comparações entre imigrantes residentes na Argentina e no Brasil. Toma, como parâmetros de análise, nível educacional, presença em setores da economia e forma de inserção no mercado de trabalho, atentando ainda a um viés comparativo quanto a ganhos salariais.

Maria Catarina Chitolina Zanini considera outra forma de produção e consumo, referente a textos literários, no contexto da imigração italiana e de seus descendentes na região sul do Brasil. Apresenta este material no seu diálogo com processos identitários e de construção da memória, entendendo os escritos como dimensões de resistência e de autonarração.

Mirian Alves de Souza traz ao debate um tema da ordem do dia, o dos Ciganos, alvos permanentes de políticas segregacionistas e, muito recentemente, como evidenciado no caso da França, de deportações. As expulsões violentas, tanto quanto a sedentarização forçada, são práticas historicamente exercidas quanto

àquele grupo. O texto trabalha com a complexidade dos conceitos envolvidos, alertando para a discutível unidade da categoria étnica “ciganos”, ao mesmo tempo em que alerta para a carga de preconceitos presente nas definições.

Após os artigos, a Travessia se completa com uma entrevista, um conto e uma resenha.

Eduardo Gabriel reproduz entrevista com casal de imigrantes residente em Portugal, fruto de pesquisa por ele realizada naquele país. Catitu Tayassu, em “Escrevo-lhe”, reedita literariamente a travessia dos que da África desesperadamente buscam a Europa agarrar, alertando, porém, que “nada é como o sonho inventou”.

Sidnei Dornelas fecha o número, com a resenha da nova edição, revista e substancialmente ampliada, de *O Cativo da Terra*, obra de José de Souza Martins que constitui referência fundamental nos estudos sobre imigração no Brasil.

.....

Convidamos você para que, a exemplo dos colaboradores deste número, escreva-nos, conte-nos, comente, entreviste, articule...

A divulgação de uma pesquisa científica finalizada ou em andamento, o relato de situações, o texto de intervenção e debate, o depoimento, a ficção, o comentário... são formas de acesso ao mundo do migrante valorizadas por esta revista.

Aguardamos a sua colaboração.

*Helion Póvoa Neto*